

# **Natureza e Cultura**

## **Programa da Disciplina 2020/01**

### **Prof. Jorge Mattar Villela**

Logo muito cedo, a antropologia foi definida como a análise e a explicação das diferenças e semelhanças entre as diversas culturas, fazendo dela a “ciência da cultura”. Ainda que proveniente de outra fundante do pensamento ocidental – a que separou vigorosamente, a partir do século XVII corpo e espírito – a noção de cultura em antropologia não foi e não é unívoca, liberada de polissemias. A indefinição do objeto característico da antropologia já contrariava as precauções de objetividade do método científico recomendadas por Marcel Mauss, assim como, conforme lembraram Bourdieu, Chamboredon e Passeron, recomendações durkheimianas de ruptura com o senso comum.

O conceito de cultura foi, portanto, formado por um campo semântico instável e flutuante, embora tenha girado em torno de algumas constantes, como, por exemplo, a que separa a humanidade da não humanidade, o inato do adquirido e transmitido. Cultura foi, e insistentemente, a despeito de diversas refutações, algumas das quais serão vistas neste curso, uma exclusividade do que é humano, de tal modo que a definição de uma confunde-se com a do outro. Ao ponto que, na Enciclopédia de Antropologia organizada por Spencer e Barnard, no verbete “Nature and Culture” haja uma subdivisão para Culture e nenhuma para Nature. No Dicionário de Etnologia e Antropologia de Bonte e Izard não existe um verbete “Nature.

A natureza, desde a suspensão das teorias evolucionistas, foi expurgada dos interesses antropológicos tanto nos EUA (apesar das preocupações de Franz Boas, em suas relações acadêmicas com John Dewey, e intelectuais com a teoria darwinista da retenção seletiva e do esforço de Boas em aproximá-la da evolução

cultural. Vale notar que, em Boas, natureza significou frequentemente o que não é do mundo não-humano). Por um retorno às teorias do evolucionismo sociocultural, tanto de Morgan quanto de Tylor, a antropologia norte-americana reincorporou a natureza que, não obstante, a persistente influência de Dewey, assumiu ali uma perspectiva quase industrial: ela é o elemento que aguarda as melhorias técnicas para ser mais bem dominada pela humanidade, se esquematizarmos um pouco a teoria da evolução cultural de Leslie White.

No funcionalismo de Malinowski a natureza parece ter sido mantida sob a forma da necessidade, por conta das suas implicações com a psicologia e, de um certo modo, com Freud. Na antropologia britânica a partir do estrutural-funcionalismo sobretudo, como denunciou Edmund Leach em 1961, a “ecologia” serviu apenas para contextualizar geograficamente o povo alvo da etnografia em questão para, logo a partir do capítulo 2, ser abandonada completamente. Radcliffe-Brown em 1940 (um dos principais alvos da crítica de Leach), deixa claro que, mesmo empregando metáforas das sociedades de abelhas para definir a estrutura social, a antropologia se interessara apenas por relações entre humanos. O mesmo Leach, no entanto, em 1977 insiste na especificidade do humano pela existência da cultura, que lhe é exclusiva, e que se caracteriza por uma forma singular de herança: a adquirida por meio do uso dos símbolos, sobretudo os linguísticos.

A França, tardia nos estudos antropológicos, já havia excluído a natureza dos estudos de sua ancestral local, a Sociologia durkheimiana, por conta de um método intelectual que reservava a ela, enquanto atividade acadêmica do saber, apenas os objetos e os recursos explicativos do que era social, quer dizer, nesse caso, artificial. Artificial e natural, de resto, nas ciências humanas francesas correspondem ao par de opostos variável e invariante, sede e inspiração da teoria do parentesco em Lévi-Strauss.

Ainda que amplamente ignorado pela antropologia por mais de sete décadas, já demonstrado pelos estudos conduzidos por Michel Foucault nos anos de 1970, as práticas e as teorias do ocidente moderno tiveram de vincular cultura, sociedade ou civilização à natureza como condição de possibilidade de qualquer governo. A noção de população, e as ciências que lhe servem de apoio e construção, por exemplo, centralidade do conceito de norma, também, emergem a partir do século XVIII como o objeto natural privilegiado das formas de dominação. A abertura antropológica para esse procedimento ocorreu essencialmente pela via da antropologia feminista, sobretudo nos debates em torno do par natureza e cultura conduzidos por Sherry Ortner, Michelle Rosaldo e Louise Lamphere. desde os primeiros anos da década de

1970. e por Carol MacCormack e também, na França, na mesma época, por Nicole Mathieu. Uma discussão que ganhou fôlego e abrangência com os trabalhos de Donna Haraway, a partir da segunda metade dessa mesma década. Sumarizando muito, desencadeou-se nesse ambiente de pensamento a crítica à fusão irrefletida da natureza e da cultura como modo de governo e dominação das mulheres pelas ciências da vida, mas também, dizia então Haraway, pelas disciplinas que tentam explicar grupos sociais e comportamento. Finalmente, no intervalo de cinco anos, a etnografia conduzida nas ilhas Trobriand por Anette Weiner indica uma virada nos estudos antropológicos. No capítulo I de *Mulheres de Valor, Homens de Renome*, de 1976, Weiner afirma: “Eu considere as mulheres de Kiriwina como participantes ativas no sistema de trocas (...) fiz passar as mulheres ao protagonismo da cena”. Trabalhos como esse tornam possíveis críticas originais. Como defendeu Lila Abu-Lughod já em 1991, em resposta ao *Writing Culture*, livro-manifesto da antropologia pós-moderna norte-americana, a cultura é um conceito masculino. Para ela, escrever contra a cultura é dissolver um par de opostos que a antropologia pós-moderna deixou intacto: o par sujeito/objeto, um binarismo que garante a manutenção de vários deles, como, por exemplo, homem/mulher, local/universal, ocidental/não ocidental, nós/eles. O conceito de cultura, seguindo com Abu-Lughod, é o instrumento de manutenção dos binarismos eu-outro, igualmente fundante para a Antropologia

As críticas pós-modernas em antropologia, como é bem sabido, são, entre outras coisas, um desdobramento da via liberada pela antropologia hermenêutica para lidar com o conceito de cultura. Em Geertz a ideia de cultura liga-se e se desliga da natureza, como uma fulguração imaterial que se desprende da matéria, como um véu que permite interpretar o mundo real por meio de uma coleção de símbolos agrupados variavelmente, sob a imagem de uma teia tecida pela própria humanidade. Não muito diferente do que diziam os antigos antropólogos culturalistas, mas também os neo-evolucionistas dos EUA a cultura para a antropologia hermenêutica é natural no seu sentido invariante: tudo o que é humano é envolto por alguma cultura como modo de interpretação e representação do mundo. Mas é também artifício, na medida em que é variável cronológica e geograficamente.

Diversas críticas aparecem derivadas do dissenso provocados pelas teorias feministas. Direta ou indiretamente, a antropologia feita no Reino Unido as acompanha ou tende acompanhá-las, ao menos, no que toca a esse problema do par natureza-cultura, natural-artificial, dado-construído, material-imaterial. Uma via

que, digamos, pode ser encarada, levando-se em conta a sua abrangência, como o que se passou a chamar de antropologia ecológica contemporânea. Mais uma vez, a antropologia feminista, agora a da década de 1980, sobretudo a interessada no parentesco e nas formas de reprodução assistida foram das pioneiras para a nova virada antropológica rumo ao que até então estava destinado apenas à biologia.

Este curso, adotado na disciplina Natureza e Cultura, procurará (mantendo em mente os desafios e exigências declarados no fim deste texto), acompanhar essa deriva do par natureza-cultura. Desde os esforços disciplinares para mantê-los apartados de modo que nunca os hífen desaparecessem, até as críticas à própria oposição desferidas desde muitas localizações, no mundo e nas posições disciplinares. Assim, o programa inicia-se na antropologia cultural dos EUA e passa pelas abordagens dos inícios da antropologia funcionalista britânica. A palavra cultura, tal como usada nesse ambiente, não conseguiu se afastar muito de um dos sentidos desenvolvidos no início do século XIX, conforme afirma Raymond Williams, quer dizer, um “modo de vida material, intelectual e espiritual” e como uma “abstração e um absoluto”. Esse dois módulos serão estudados, para facilitar a abrangência da abordagem, por meio de textos de história da antropologia e da teoria antropológica.

O módulo seguinte será dedicado às modificações desse panorama geral. Entendo que as modificações a que me refiro, já mencionadas acima, devem-se a um processo de a-disciplinarização da antropologia que rebate nos ambientes discursivos que a impactam: o Sciences Studies, os Estudos Feministas, a etologia, sobretudo a primatologia e, ainda, as alianças entre a primatologia e os estudos feministas. Animais (e também outros existentes), como colocou Donna Haraway, deixam de ser bons apenas para se pensar ou para se consumir; tornam cada vez mais co-interagentes, fazendo com que a noção de humano seja entendido por essa tendência em antropologia como um efeito de relações interespecíficas.

Os textos selecionados na bibliografia obrigatória obedecem a uma tripla exigência: 1) oferecer formação antropológica adequada a respeito de um dos temas centrais e fundantes da antropologia; 2) oferecê-la a partir de um recorte bibliográfico que sofre as dificuldade do pequeno número de sessões disponíveis e, decorrente da confluência da primeira com a segunda; 3) formular o curso desde uma posição específica, o que faz deste, um curso autoral. Quer dizer, apenas uma entre várias possibilidades de apresentar as relações entre várias definições possíveis de natureza e cultura em antropologia.

Os **métodos de avaliação** serão discutidos na sessão de abertura do curso.

## **Bibliografia e Cronograma**

**Muitos dos textos abaixo podem ser encontrados traduzidos em Português**

### **Sessão 1 – 20/03**

#### **Apresentação do Curso**

#### **Módulo 1 – Cultura, exclusividade humana. Exigência disciplinar da Antropologia**

##### **Sessão 2 – 27/03**

KESSING, Roger. 1974. Theories of Culture. *Annual Review of Anthropology*

STOCKING, George. 1968. “Franz Boas and the Culture Concept in Historical Perspective”. In: *Race, Culture and Evolution*. Nova Iorque: Free Press.

BUNZL, Matti. 1996. “Franz Boas and the Humboltian Tradition”. In: *HOA 8*. G. Stocking (org). Madison: University of Chicago Press.

##### **Sessão 3 – 03/04**

SILVERMAN, Sydel. 2005. “Postwar Expansion, Materialism, and Mentalisms”. In: *One Discipline, Four Ways*. Chicago: University of Chicago Press.

LEACH, Edmund. [1977]. “Anthropos”. In: *The Essencial Edmund Leach*. S. Hugh-Jones e J. Laidlaw (orgs.). New Haven: Yale University Press.

##### **Sessão 4 – 17/04**

JACKSON, Walter. 1986. “Melville Herzkovits and the Search for Afro-American Culture”. In: *Essays on Culture and Personality*. G. Stocking (org.). Madison: University of Wisconsin Press.

WHITE, Leslie. 1949. “Energy and the Evolution of Culture”. *American Anthropology (N.S.)*. 45, 3.

#### **Módulo 2 – Reflexões críticas em torno da noção de Cultura**

##### **Sessão 5 – 24/04**

WAGNER, Roy. 2010 [1981]. *A Invenção da Cultura*. Capítulo 1: A Presunção da Cultura. São Paulo: CosacNaify.

GEIGER, Amir. 2016. “Memória Submersa de outro Patrimônio”. Dossier: “Por que memória Social?” (Dodebei, V. e Farias, F., orgs.). *Morpheus*

GEERTZ, Clifford [1966] 1989. “O Impacto do Conceito de Cultura no Conceito de Homem”. In: *A Interpretação das Culturas*. Rio da Janeiro: Guanabara Koogan.

### **Sessão 6 – 08/05**

- ABU-LUGHOD, Lila. 1991. "Writing Against Culture". In: R. Fox (org.) *Recapturing Anthropology*. Santa Fe: School of American Research Press.
- ORTNER, Sherry. 1972. "Is Female to Male as Nature is Nature to Culture?". *Feminist Studies* V. 1, 3.
- STRATHERN, Marilyn. [1980] 2014. "Cultura numa Bolsa de Malha: a fabricação de uma subdisciplina na antropologia". In: *O Efeito Etnográfico*.

### **Sessão 7 – 15/05**

- JAMES, W; INGOLD, T.; LITTLEWOOD, R.; RICHARDS, P. [1990] 2001. "Human Worlds are Culturally Constructed". In: T. Ingold (org.) *Key Debates in Anthropology*
- PREMACK, D. e PREMACK A. [1994] 2002. "Why Animals have Neither Culture nor History?". In: T. Ingold (org.) *Companion Encyclopedia of Anthropology*. Londres: Routledge.
- INGOLD, Timothy 1992. "Culture and the Perception of Environment". In: Croll, E. e Parkin, D. *Bush Base Forest Farm*. Londres: Routledge.

## **Módulo 3 – Aquém da Partilha Natureza e Cultura. A-disciplinarização da Antropologia**

### **Sessão 8 – 22/05**

- VIVEIROS DE CASTRO, E. e GOLDMAN, M. 2012. "Introduction to Post-Social Anthropology". *HAU*. 2,1.
- PITROU, Perig 2015. "Uma Antropologia Além de Natureza e Cultura?". *Mana*. 21,1.
- LIMA, Tânia 1999. "Para uma Teoria Etnográfica da Distinção Natureza e Cultura na Cosmologia Juruna".
- VIVEIROS DE CASTRO, E. 1996. "Images of Nature and Society in Amazonian Ethnology". *Annual Review of Anthropology*

### **Sessão 9 – 29/05**

- HARAWAY, Donna. 1978. "Animal Sociology and a Natural Economy of the Body Politic" I e II. *Signs*. V. 4, n. 1.
- VAN DOOREN, T.; KIRSKEY, E.; MÜNSTER, U. "Estudos Multiespécies: cultivando artes de atentividade". *Incerteza* 3,7.
- SÜSSEKIND, Felipe. 2018. "Sobre a Vida Multiespécies". *Revista do IEB*. N. 69.

### **Sessão 10 – 05/06**

- STRUM, Shirley. 1987. *Almost Humans*. A Journey into de World of Baboons. Nova Iorque: Random House. Cap. 1.

- GARCIA, Uirá 2018. "Macacos também Choram". *Revista do IEB*. N. 69.
- VANDER Velden, Felipe. 2015. "Apresentação Dossiê Animalidades". *R@U*. 7,1.

### **Sessão 11 – 19/06**

- BEVILAQUA, Ciméa. 2019. "Pessoas não Humanas". *Mana*. 25, 1.
- LEAL, Natacha 2016. *Nome aos Bois. Zebus e Zebuzeiros em uma Pecurária Brasileira de Elite*. Cap. 5. São Paulo: ANPOCS e Hucitec.
- TSING, Anna. 2019. "Patchy Anthropocene: landscape structure, multispecies history, and retooling of anthropology". *Current Anthropology*. V. 60 (supl. 20)

### **Sessão 12 – 26/06**

- STENGERS, Isabelle. 2009. *Au Temps des Catastrophes*. Cap. 4. Paris: La Decouverte. (trad. Bras. CosacNaify)
- ESCOBAR, Arturo 2006. "Depois da Natureza. Passos para uma Ecologia Política Antiessencialista". In: *Política Pública Ambientais Latino-Americanas*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente.
- COELHO, Marcela. 2017. "T/terras Indígenas e Territórios Conceituais: incursões etnográficas e controvérsias públicas". *Entreterras*. V. 1, n. 1.

### **Sessão 13 – 03/07**

- FRANKLIN, Sarah 2003. "Re-thinking nature-culture: anthropology and the new genetics". *Anthropological Theory*. 3,1.
- STRATHERN, Marilyn. [2002] 2014. "Dando Apenas uma Força à Natureza? A cessão Temporária de Útero".

### **Sessão 14 – 10/07 – avaliação do curso**

### **Sessão 15 – 17/07 – Conversa sobre os trabalhos de avaliação de fim de curso.**

## **Bibliografia Suplementar e de Apoio**

- Colón, G.; Hobbs, Ch. "The Intertwining of Culture and Nature: Franz Boas, John Dewey, and Deweyan Strands of American Anthropology". *Journal of the Ideas*. V. 76, n 1 (jan. 2015).
- Descola, Ph. *L'Écologie des Autres et la Question de la Nature*.  
\_\_\_\_\_ "Beyond Nature and Culture". *Proceedings of the British Academy*, 139. 2006.
- Ellen, Roy. "Introduction". In: E. Roy e Fukui, K. (orgs.) *Redefining Nature Ecology, Culture and Domestication*. 1996.
- Gilles, D.; Guattari, F. *L'Anti-Oedipe*. Paris: Minuit. 1972.  
\_\_\_\_\_ *Kafka. Pour une littérature Mineure*. Paris: Minuit.  
\_\_\_\_\_ *Milles Plateaux*. Paris: Minuit. 1980.

- Guattari, Felix. *As Três Ecologias*. Campinas: Papirus. 1991 [1989].
- Hadfield, M. e Haraway, D. "The Tree Snail Manifesto". *Curr. Anthr.* 60, S20. 2019.
- Haraway, Donna. "A cyborg Manifesto". *Cultural Theory*, 1985.
- Ingold, Tim. *The perception of Environment*.
- Ingold, T. e Palsson, G. *Biosocial Becomings. Integrating social and biological anthropology*. 2013.
- Kant, Emmanuel. *Antropologia do Ponto de Vista Pragmático*.
- Keesin, R.; Strathern, A. *Cultural Anthropology*. A contemporary perspective.
- Kirksey, S. e Helmreich, S. "The Emergence of Multispecies Anthropology". *Cultural Anthropology*. 25,4. 2010.
- Kohn, Eduardo. "How Dogs Dreams: amazonian natures and the politics of transspecies engagement". *American Anthropologist*. 34,1. 2007.
- Kuper, Adam. *Cultura. A visão dos antropólogos*.
- Latour, Bruno. *Jamais Fomos Modernos*.
- Lévesque, Carole. "La Nature Culturelle. Trajectoires de l'Anthropologie Écologique Contemporaine". *Anthropologie et Sociétés*. @0, 3. 1996.
- Mullin, Molly. "Mirrors and Windows: Sociocultural Studies of Human-Animal Relationships". *Annual Review of Anthropology*. 1999.
- \_\_\_\_\_ "Animals and Anthropolgy". *Society and Animals*. 10, 4. 2002.
- Orlove, Benjamin. "Ecological Anthropology". *Annual Review of Anthropology*. 1980
- Otero, Júlia ; Lewandowski, A. . "Cosmopolíticas da terra contra os limites da territorialização". *Ilha*. v. 21, p. 6-20, 2019.
- Pitrou, Perig. "La Vie, un Objet pour l'Anthropologie?". *L'Homme*, 212.
- Povinelli, Elizabeth. *Geontologies*. Durham: Duke University Press. 2016.
- Sá, Guilherme. Outra Espécie de Companhia: intersubjetividade entre primatólogos e primatas. Anuário Antropológico, v. II. 2011.
- Sahlins, Marshall. "On the Ontological Scheme of Beyond Nature and Culture". *HAU*, 4,1. 2014.
- Santos, Antonio Bispo. *Colonização, Quilombos, Modos e Significações*. Brasília. 2015.
- Sauvagnargues, Anne. "Deleuze. De l'animal à l'art". In: Zourabichvili, F.; Sauvagnargues, A.; Marrati, P. (orgs.) *La Philosophie de Gilles Deleuze*. Paris: PUF. 2004.
- Strathern, Marilyn. *After Nature: English Kinship in the Late Twentieth Century*. Cambridge: Cambridge University Press. 1992a
- \_\_\_\_\_ *Reproducing the Future: Anthropology, Kinship, and the New Reproductive Technologies*. New York: Routledge. 1992b
- \_\_\_\_\_ "Sem Natureza, sem Cultura". In: *O Efeito Etnográfico*.
- Tsing, Anna. "Nature in the Making". In: Crumley, C. (org.) *New Directions in Anthropology and Environment*. 2001.
- Tsing, Anna. *The Mushroom at the end of the World*. Princeton: Princeton University Press.
- Weiner, Anette. *Women of Value, Men of Renoun*. 1976
- Williams, Raymond. *Cultura e Sociedade*.
- Viveiros de Castro, E. *Metafísicas Canibais*.